
AS CASAS DA ORLA MARÍTIMA DE JOÃO PESSOA E OS INDÍCIOS DA CRIAÇÃO DE UMA IDENTIDADE CULTURAL ATRAVÉS DA DISSEMINAÇÃO DA ARQUITETURA MODERNA NOS ANOS 1960 E 1970¹

Roberta Xavier Costa
PPGAU/ UFRN/CNPq, LPPM/CAU/ UFPB, CAU/UNIPÊ.
E-MAIL: robertaxcosta@oi.com.br

Este artigo discute os indícios entre a história recente da cidade, a aceitação da linguagem da Arquitetura Moderna e as mudanças no modo de morar do pessoense. Fundamentado nos conceitos do paradigma de Ginzburg (2007), na conceituação de arquitetura moderna de Argan (1993), Benevolo (2004) e outros; nas características da arquitetura moderna brasileira, sugeridas por Acayaba (1991), Bruand (2005) e Tinem (2006), e na idéia de popularização do moderno de Lara (2005); apresenta resultados parciais da dissertação sobre as casas construídas nos bairros da Orla Marítima de João Pessoa - Cabo Branco, Tambaú e Manaíra – entre 1960 e 1974. O objetivo da pesquisa é documentá-las e descrevê-las numa tentativa de situá-las no contexto da história da Arquitetura Moderna Brasileira. Para isso, utilizamos como base de dados o acervo do Arquivo Central da Prefeitura Municipal de João Pessoa.

Investigamos a cultura arquitetônica local e sua “herança” para a cidade contemporânea; pressupomos que nessas casas houve a disseminação das características da Arquitetura Moderna Brasileira, e que elas são testemunho de um período específico da expansão urbana da cidade, e representam a transformação da identidade da arquitetura na Paraíba, um patrimônio cultural cuja subjetividade permite a sua ‘apropriação’ e atualização, mais que ‘restauração’.

Durante a pesquisa, foi possível identificar o contexto da ocupação dos bairros e os traços das “modernidades” assumidas pela classe média paraibana no período. Apesar de representarem uma época, esses objetos arquitetônicos têm tido uma “vida efêmera”; nessa “perda de memória recente”, na ação do tempo e da especulação imobiliária, estão se perdendo tanto como entidades físicas (o edifício como fonte de documentação para a historiografia da arquitetura), fato observado durante a pesquisa de campo, onde vários exemplares tinham “mortes anunciadas”, ou vieram a “óbito”; como também na forma documental, na inexistência do projeto (imagem), por exemplo: o

¹ Pesquisa de Mestrado sob a orientação da Professora Dra. Nelci Tinem.

arquivo da PMJP, nossa principal base de dados, está incompleto em relação aos documentos anteriores a 1972.

Sem o documento edificado como repassar as informações para futuras gerações? Compreender o âmbito do que possa ser entendido como moderno, passa pelo registro do que foi produzido; faz parte da construção da historiografia para gerar novos conhecimentos, e se ampliar o entendimento do que de fato foi o fenômeno de disseminação da arquitetura moderna no país.

Trabalhos como esse são também uma forma de preservar a memória da cidade; (re)conhecer e refletir sobre a arquitetura das casas da orla marítima e suas repercussões sobre a memória da cidade, é parte de um esforço coletivo para incluir os exemplares de arquitetura moderna da Paraíba em um todo mais amplo, a história da arquitetura moderna no Brasil.

Apresentaremos a seguir reflexões a respeito da construção do nosso segundo capítulo na dissertação onde desenvolvemos a partir das leituras de notícias de jornal, dos documentos do arquivo, algumas entrevistas com produtores e proprietários de casas e informações na bibliografia direcionada a estabelecer uma visão da orla marítima e da clientela que estabeleceu o gosto pelo moderno que caracterizou durante algumas décadas a feição de modernidade, progresso e domesticidade que nossas praias urbanas tiveram nas últimas décadas do século XX, e que momento já não mais se mantém. É preciso porém que se entenda como essas praias eram vistas por esses consumidores e pela cidade como um todo. Desde quando se transforma de colônias de pescadores, a balneário distrital a referência de modernidade, pautada no símbolo da construção do Hotel Tambaú e do Farol do Cabo Branco.

No censo de 1970 o IBGE, classifica Tambaú como sendo distrito do Município de João Pessoa, cuja área da Orla Marítima compreendia as atuais Praias da Penha, os bairros de Cabo Branco, Tambaú, Manaíra e Bessa, e somava-se para compor a área distrital os atuais bairros do Castelo Branco² e Jardim Cidade Universitária (JORNAL O NORTE: 12.05.1970:03). Para fins de nosso estudo designaremos como Orla Marítima,

² O Castelo Branco nesse momento é tido como conjunto habitacional, composto de habitações unifamiliares de baixa renda, e o Jardim Cidade Universitária, é composto apenas pelo Campus I da Universidade Federal da Paraíba. São, assim como a orla marítima, eixos de expansão da cidade.

os atuais bairros de Cabo Brando, Tambaú e Manaíra, por ser nesse momento as localidades que mais tiveram produções de residências unifamiliares³.

Os indícios de modernidade nas construções acompanham o contexto de desenvolvimento urbano dos bairros, assim no primeiro momento de ocupação os indícios se direcionam para um uso descontraído, de balneário como similarmente acontece em outras cidades brasileiras com praias que se urbanizam. Tal como ocorre com Boa Viagem em Recife, e em um segundo momento os investimentos públicos e dos incorporadores estimulam a ocupação ainda não massivamente permanente, e em seguida já com essa ocupação e urbanidade em vias de consolidação esses bairros tornam-se vitrines, símbolos e sinônimo de modernidade e progresso. Não estamos evidentemente discutindo que esses espaços são dedicados a uma elite que se não é financeiramente mais abastada é pelo menos mais culta e detentora de meios de apropriação da cultura arquitetônica dominante.

Ao olhar para as construções e ações urbanas da orla marítima também é possível ver os indícios de mudanças de postura para essa população que consome o espaço urbano, num primeiro momento voltado quase que exclusivamente para o veraneio Tambaú era só simplicidade...

Tambaú simplicidade...

Nas construções residenciais que formavam o núcleo original da Orla marítima, a imagem de informalidade está presente, vinculada ao caráter de descanso e de encantamento paradisíaco. No início da ocupação, predominavam as casas de pescadores e veraneio, a única moradia permanente que se tem registro é a casa do Ministro José Américo de Almeida, na praia do Cabo Branco, um caso único para o momento, essa casa tinha referências diretas em construções de fazenda. Até porque Tambaú nem era o local de preferência para atividades de balneário. O veraneio que era hábito entre as famílias abastadas paraibanas, tinha como local de preferência, as praias de Cabedelo, “por ser um imenso foco de malária, Tambaú, não era muito procurada” até se iniciarem medidas de quinização e saneamento em finais da década de 1920.

³ Em nossas investigações no ARCEN/PMJP, identificamos que esses três bairros registram entre 1960 e 1974, o maior número de processos de habite-se de edificações unifamiliares da cidade, correspondendo a um total de 16% das construções desse tipo em João Pessoa.

Dividido em três núcleos que posteriormente originaram os atuais bairros, a orla era composta da Praia de Cabo Branco, das comunidades Santo Antônio (onde hoje é o bairro de Tambaú) São Gonçalo e Maceió(atualmente Manaíra). Nesse período o trecho que tem mais construções é a comunidade de Santo Antônio, próximo a Igreja de Santo Antônio, (no bairro de Tambaú). Exemplares remanescentes desse período inicial de ocupação ainda podem ser vistos nos bairros e proximidades do núcleo da Igreja Santo Antonio; eram em geral construções com telhado em duas águas, implantadas em lotes estreitos e compridos, com alpendres circundando a construção ou marcando a entrada.



Figura 1: casas remanescentes do período de ocupação inicial da orla marítima, nas proximidades do núcleo original de Santo Antônio, atualmente Baixo Tambaú. Fonte: acervo da pesquisadora.

A frequência dos pessoenses à Orla Marítima aumentou no governo de Ruy Carneiro, nos anos 1940, com a inauguração de “bondes elétricos para Tambaú permitindo que o acesso às praias beneficiasse a população em geral”. (OLIVEIRA, 2006:78). Além deste fato o funcionamento de equipamentos que atendessem a essa população ainda itinerante contribuiu para a sua ocupação.

A facilidade de acesso principia a atrair para a praia várias camadas da população. “As pessoas vinham até de Recife para tomar a sopa de cabeça de peixe do Elite, ficavam na praia e no fim do dia vinham para o restaurante” nos contou D. Míriam Gama, que a proprietária, ela lembra que O Elite foi durante cerca de três décadas um lugar de encontro para todos os paraibanos.

No final da década de 1940, a facilidade de acesso e a informalidade fazem de Tambaú um pólo de atração para “todas as camadas da população local e de outros estados e municípios”. Tanto o Restaurante em 1940, quanto das adjacências são ainda de caráter muito simplório. Outros equipamentos surgem em torno do Elite, o Grupo Escolar João Pessoa é desse período. Muito lentamente as construções vão se modernizando serão edificadas sobre lotes com remanescentes coloniais, saem do

alinhamento da rua, cumprem os recuos frontais, mas apóiam as paredes laterais sobre os limites do terreno, contrariando um dos princípios da arquitetura moderna de fachadas independentes.

Viver na praia...

Na década de 1950 se intensificam os loteamentos nos bairros da Orla Marítima. Na nossa pesquisa, os registros iniciam com a planta de modificação do loteamento do Sr. Paulo Miranda, no Cabo Branco. Não encontramos os documentos do loteamento original, apenas a modificação que está datada em 1953, o que nos leva a supor que nesse bairro os terrenos já estivessem sendo comercializados anteriormente.

Assim como em outros bairros de João Pessoa, em Tambaú e Manaíra, vão ser construídos conjuntos habitacionais financiados pelo governo. Em 1957, o arquiteto Acácio Gil Bórsoi, projeta o Conjunto Habitacional Jardim Manaíra, ao mesmo tempo em que se comercializava o loteamento Jardim Panamérica. Ambos os empreendimentos utilizando os benefícios das melhorias da Orla Marítima: “ampliação da rede de abastecimento d’água, a extensão do passeio público e o prolongamento da pavimentação, condução a porta e luz elétrica.” (PEREIRA, 2008:75). Essas melhorias eram elementos utilizados nas propagandas para atrair os compradores, para desenvolvimento da praia de Manaíra (Comunidade do Gonçalo), nas proximidades da antiga Igreja de São Gonçalo (terreno hoje ocupado pela quadra de Manaíra). Na figura 2, a planta do loteamento demonstra o isolamento da área, onde as áreas circunvizinhas são propriedades quase rurais dos investidores Sr. Mateus Zaccara (acima da Rua Juvenal Mario da Silva) e Sr. Ascendino Nóbrega (abaixo da Av. São Gonçalo).

Esse esforço em convencer uma camada da população a ocupar a faixa litorânea é corroborado pela imprensa local, em meados da década de 1950 encontramos retrato do desejo de já ser bairro, através de notícias que comunicam a mudança no uso de balneário para moradia permanente. Esse impulso de ocupação é decorrente tanto de investimentos públicos dados com a implantação das primeiras melhorias como pela construção dos primeiros conjuntos habitacionais, na área.

“Ninguém é mais veranista. É um termo meio esquecido. As construções sólidas e modernas surgiram em lugar das palhoças românticas” (TAMBAÚ E A PRIMAVERA, 1956, p.04 *apud* GAMBARRA & TINEM, 2008:3).

Por construções sólidas e modernas entendemos que o jornalista refere-se a substituição das casas com referências coloniais e casas de taipas dos pescadores, que registramos nesse primeiro momento de ocupação, por residências que sendo conjuntos

habitacionais devem seguir uma padronização. Um indício de que forma essa modernidade é recebida pode ser vista na residência do Sr. Roberto Djalma Guedes Pereira, de 1960, no Cabo Branco, onde o carimbo do projeto destaca o financiamento pela Caixa Econômica Federal.



Figura 2: Imagem de modernidade financiada pelo estado, casas para moradia em Cabo Branco. Residência Roberto Djalma Guedes Pereira. 1960. Fonte: ARCEN/PMJP, acervo digital: Roberta Xavier da Costa.

No entanto junto com a intenção de que estas moradias sejam já permanentes como pretendem os jornais e indicam os investimentos estatais, associa-se o caráter mais solidificado e fatural do uso para veraneio para as residências; como a Residência Austragésilo de Freitas, de autoria do já citado Acácio Gil Borsoi, moderna e erudita, essa residência traduz todo o vocabulário da norma culta da arquitetura moderna brasileira: estrutura independente e evidenciada através do uso de pilotis, a fachada livre com vedação em painel de madeira com muxarabi. O uso de elementos da arquitetura colonial que evocam uma vinculação ao passado, é uma das características citadas pela bibliografia especializada como criadora da identidade na arquitetura brasileira moderna. Outra característica marcante é a solução da especificidade local citada por Bruand (2005), na reinterpretação do terraço jardim corbusiano: a laje de concreto inclinada com recobrimento de telhas canal; que no caso da residência Austragésilo de Freitas também estão presentes. Essa casa concebida em 1956 para servir de residência de temporada para a família domiciliada no interior do estado; [figura 4] se localiza na Av. Cabo Branco, assim como a residência Hermes Pessoa, também de veraneio. Com traços menos eruditos usando um repertório mais difuso, representa outra categoria de clientela que busca os serviços do engenheiro construtor para dar continuidade a essa linguagem moderna; nessas duas casas a busca ainda é por uma imagem bucólica e de lazer.⁴ No entanto elas demonstram um espírito pioneiro e anunciam um tipo de

⁴ O executor da segunda casa, o engenheiro civil Oswaldo Pontes também construía na Av. Epitácio Pessoa, no mesmo período a residência Renato Ribeiro Coutinho do mesmo arquiteto da primeira residência, onde ressaltamos a idéia de que a grande difusão dos elementos que vão caracterizar a modernidade nas residências em João Pessoa, encontrava como vetores os próprios profissionais não

arquitetura que se disseminará nas casas das praias de João Pessoa, e que lhe dará a peculiaridade de ser tratada como uma pequena jóia, a ser lapidada conforme se consolida sua ocupação.



Figura 3: primeiras manifestações de arquitetura moderna na Orla Marítima, a esquerda Residência Austragéliso de Freitas, 1956, expressão erudita na arquitetura de Acácio Gil Borsoi, e elementos de disseminação na residência Hermes Pessoa, do engenheiro construtor Oswaldo Pontes, 1957.

Tambaú uma pequena jóia...

Na Enciclopédia dos Municípios do IBGE, publicado em 1960, a cidade de João Pessoa é retratada como tendo dois núcleos distintos: o centro da cidade, que embora ainda “pequeno tem uma intensa atividade comercial”. O segundo núcleo apontado é a Orla Marítima, ao encaminhar-se para o mar, a paisagem citadina se transforma, o movimento que o visitante observa no centro da cidade vai diminuindo à medida que “poucos quilômetros além” se torna “tranqüila, serena e agradável” ao chegar a uma das “mais belas praias brasileiras: a de Tambaú”, que faz parte do “litoral paraibano, [e fica] perto de João Pessoa”(IBGE, 1960:110).

Embora esse território da cidade seja pouco habitado⁵, é uma jóia tratada com mimos e cuidados pela administração municipal. A distância física vai sendo vencida ao

arquitetos que de forma direta contribuíam para sedimentação da cultura arquitetônica emergente na cidade nesse momento.

⁵ É importante ressaltar que nas primeiras décadas do século passado, esses bairros eram formados por pequenas colônias de pescadores, e poucas casas de veraneio, e durante nosso recorte é que a ocupação começa a se consolidar, mas que esse processo só será efetivado durante os anos 1980, e que no final da década seguinte e início desse século XXI, o processo voraz de verticalização é instituído definitivamente, alterando completamente a feição de horizontalidade que a paisagem mantinha.

longo de muitos esforços e investimentos. Tambaú é outro município, que gradativamente se transforma em uma “área de grandes potencialidades imobiliárias”. (GAMBARRA & TINEM, 2008:3).

A aproximação do núcleo inicial da cidade com esse núcleo secundário se deve a construção e pavimentação da Av. Epitácio Pessoa, que funcionou como vetor expansão em direção ao leste, que no entanto, não foi um movimento uniforme e contínuo. (PEREIRA, 2008:75). Em 1954, se concluem as obras de calçamento da Av. Epitácio Pessoa. Em 1955 vão ser executadas medidas de saneamento que erradicam definitivamente os maceiós na orla marítima (OLIVEIRA, 2006:67), essas ações aparentemente simples, permitem então que a urbanização se desenvolva com maior intensidade na faixa litorânea, não levando exatamente a uma ocupação por moradias definitivas mas estimulando um uso de veraneio, devido a redução da quantidade de mosquitos.

Os símbolos de modernização da Orla Marítima eram vinculados a serviços de infra-estrutura com influências imagéticas das transformações urbanas cariocas, que haviam ocorrido no Rio de Janeiro na década de 1940 e 1950, os pontos importantes que se chamava a atenção era a iluminação, a calçada tipo “Copacabana” e bancos de tijolinhos com concreto. O indício do desejo de modernidade fazia parte do ideário da cidade, talvez por perceber o potencial e as belezas das praias, mas também por reconhecer que para chegar a “copacanizar-se” ainda faltava muito. Também ocupam a cena os problemas dos bairros como reclamações de lixo e falta d’água, mas sem que se permita esquecer que o olhar da cidade está na orla, a construção de um imagem de modernidade é vista como uma certa concessão noticiada na imprensa como o “carinho da administração pública” para com as praias, enquanto se lança a área da orla um olhar especial, trata-se de consolidar o acesso as praias, mais perceptíveis nos anos finais da década de 1960.

Ainda nessa década, surgem equipamentos de apoio a população que agora já é residente em Tambaú(o caráter de veraneio e de moradia permanente começa a mostrar sinais de convivência simultânea): Escritório de Recebimento de Luz e Força, a padaria Santo Antônio, por trás do Elite, posto de Gasolina, supermercado (onde hoje é o mercado de Tambaú). Os hábitos da população se modernizam, novos equipamentos de lazer surgem para o pessoense, a Orla Marítima é o polo de atração, não apenas para

veraneio mas com certeza para fins de lazer, os clubes se popularizam na cidade e também nas praias. Em 1967, no Bessa inicia-se a construção do Iate Clube, projeto de Acácio Gil Bórsoi. No Cabo Branco se instala o Jangada Clube, ocupando uma edificação que foi projetada originalmente como residência pelo arquiteto Mario Glauco Di Lascio, com linhas retas, estrutura independente de pilares modulados que sustentam uma grande laje plana de coberta. Em 1968, se anunciam a construção do Balneário do SESC, na Praia de Cabo Branco, a construção do Farol do Cabo Branco, e a imprensa publica as fotos da maquete do Hotel Tambaú. E esse sem dúvida, vai ser o mais marcante equipamento moderno construído na Orla Marítima e uma das imagens da cidade. Em 1969, é lançado o Maravalha Praia Clube, aceitando apenas sócios homens, solteiros e acima de 25 anos,

Maravalha Clube – única buate da cidade, “avançados processos modernos” iluminação “psicodélica” e “músicas a base de fitas internacionais e uma iluminação prá frente, inspirada em ‘posters’ e pintura estrambólica” (O Norte-01.05.1969-p.03).

Suas instalações na Av. Tamandaré em Tambaú, mantém a imagem de “palhoça romântica”. No anúncio da inauguração a Orla é representada como o “coração da cidade”, a vida noturna da cidade começa a se transferir para a praia. Ainda no mesmo ano que se inaugura o maravalha clube, se anuncia uma segunda boate na orla marítima e mais uma atração turística, o Restaurante e Boate Calamar. No texto do jornal esse equipamento é descrito como sem “similar no nordeste” a comparação é sempre com a vida noturna do Rio de Janeiro, anunciando banda exclusiva, como a “do Canecão” e as instalações de bom gosto “ocupando três modernos edifícios em moderno estilo neocolonial” vizinho ao edifício Beira-Mar, na praia do Cabo Branco (O Norte-08.11.1969:11). Instalado na casa de veraneio de D. Mirtes Forte Ribeiro Coutinho, anunciada como moderna, tem no entanto uma fachada que lembra a residência Raul Pedrosa, de Lucio Costa e Fernando Valentim, de 1925, e um anexo moderno com pilotis, telhado com coberta em laje de concreto inclinada com sobreposição de telhas coloniais, com esquadrias corridas, em uma arquitetura que lembra a obra de Bórsoi, dos anos 1950⁶. Assim essa modernidade híbrida, com uma característica muito própria

⁶ Em nossas pesquisas encontramos o processo referente a uma reforma da residência, com data de 1974, mas cujo projeto não se encontrava anexado.

de nossa região e mais ainda de nossa praia vai se sedimentando, o uso vai passando de veraneio para bairro consolidado de moradia permanente, mas o caráter de lazer e a vocação turística da área se mantém. Não é de fato um turismo incipiente que instiga a adaptação de moradias para o uso comercial de lazer, mas a vontade de empresários locais de que Tambaú seja parecido com Boa Viagem ou Copacabana.

Tambaú merece isto...

Com o título de *Tambaú merece isto*, o jornal o Norte, enaltece as qualidades da “mais bela praia do Nordeste” que “está recebendo da Administração Municipal os melhores cuidados”. Enquanto lista as ações recentes “da Prefeitura para com Tambaú”

Conclusão de: galerias, escolas públicas, serviços de terraplenagem e calçamento, a construção da *calçadinha á beira-mar* e, em especial, as obras que estão sendo realizadas na *verdadeira rodovia* que é a Senador Ruy Carneiro – Av. Atlântica (O Norte-06.03.1968-p.08.)[grifo nosso] (O Norte-06.03.1968-p.08.)

No destaque para a Av. Atlântica(atual Av. Rui Carneiro), a perspectiva de melhorar o acesso entre o centro e a praia e estimular a futura ocupação do Bairro de Manaíra. A construção da avenida Beira-Rio, constitui um outro elo de ligação com o centro da cidade, destinada a potencializar o desenvolvimento da Praia de Cabo Branco (PEREIRA, 2008:81). Estava consolidado o acesso com as três praias através das três vias de ligação: a Av. Epitácio Pessoa levando a Tambaú, a Av. Ruy Carneiro em direção a Manaíra e a Av. Beira-Rio indo para o Cabo Branco; porém não era garantia de desenvolvimento. Os investimentos são da administração municipal, com recursos federais. A área de Tambaú é beneficiada com as obras de saneamento do Projeto CURA, no início da década de 1970⁷.

O poder público tem papel fundamental no aumento do número de construções na Orla Marítima. O estímulo para construções novas veio a partir dos financiamentos do Sistema Brasileiro de Poupança e Empréstimo (SBPE), que durante a primeira metade dos anos 1970, contempla a construção de unidades habitacionais isoladas destinadas a uma faixa de renda mais elevada. (LAVIERI J.& LAVIERI M., 1999:44).

⁷ A documentação constante no ARCEN/PMJP, data a partir de 1972, as plantas de saneamento e esgotamento de águas pluviais do trecho Torre/Tambaú.

Vai contribuir com a intensificação da ocupação da Orla Marítima, porém não ao ponto de uma consolidação e para que esses bairros perdessem o caráter de veraneio.



Figura 4: Mapa com as quadras ocupadas entre 1960 e 1974, identificadas no levantamento do ARCEN/PMJP. Edição nossa sobre base cartográfica atual da PMJP.

Nesses empreendimentos de incorporadores individuais, que estão associados ao financiamento público, estimula-se a comercialização de outras unidades similares que vai caracterizar a ocupação do bairro até 1974. [figura 7]. Os anacronismos da ocupação se dão pela hibridação entre os exemplares mais eruditos e a recepção de preceitos a ser traduzidos em casas de cunho popular com financiamento estatal. A imagem de conjunto habitacional vai ser disseminada pelo Bairro de Manaíra, porém a responsabilidade é tanto do estado quanto de empreendedores particulares que vêm nesse tipo de construção o que Acayaba define como arquitetura comercial que empregam elementos modernos para facilitar a sua comercialização, considerando apenas a aparência e transformando de fato a arquitetura moderna em mais um estilo para agregar valor a venda do imóvel. Mais comuns no início dos anos 1970 elas guardam similaridades com as casas da figura 8



Figura 5: Residências com aparência de Conjunto Habitacional de baixa renda, descartadas na coleta. Fonte: ARCEN/PMJP. Foto: Roberta Xavier da Costa

A Orla Marítima vai sendo aos poucos edificada com ajuda do governo e de ações de particulares, mas principalmente pelo interesse de uma classe média que paraibana que vê nesses empreendimentos uma viabilização para o lazer sazonal. E que já consolidara esse uso na Orla Marítima.

Os demais equipamentos de lazer construídos nas praias de Tambaú, são de associações de classe como o balneário dos Bancários do Banco do Nordeste. Que, no entanto não privilegia o uso noturno. Anunciado nos jornais como mais um empreendimento de sucesso e que indica a modernidade e o progresso da Orla Marítima. A construção de 1972, localizada no Cabo Branco, é simplificada, com cobertas em quatro águas de telhas coloniais sem forro. Os princípios de “economia e simplicidade comuns a arquitetura moderna” (PEREIRA, 2008:105), são o norteador do projeto, onde a preocupação será com o conforto do usuário, e a informalidade do uso.

A imagem de progresso, no entanto vai caber ao projeto de Sergio Bernardes do Hotel Tambaú. Não só imagem, o Hotel Tambaú, é um marco de transformação na paisagem da Orla Marítima, e na Arquitetura Moderna de João Pessoa. A construção do hotel foi responsável pela remoção de várias das casas de pescadores do núcleo original do bairro Santo Antônio. A proposta de remoção foi manchete nos jornais. “Habitantes de Tambaú temem que o prefeito desaproprie na praia” (O Norte-09.04.1970-p.03), a notícia questiona o valor da indenização atribuída aos imóveis; durante nosso levantamento de campo, o Sr. Clodoaldo Vianna, nos informou que na época proprietários das casas construídas no período com “melhores recursos, mais modernas, de laje e de dois pavimentos” se reuniram e fizeram um solicitação ao Prefeito Damásio

Franca, explicando que essas casas representavam uma melhor imagem da praia, “que não eram aquelas caiçaras miseráveis, e que dariam uma boa impressão ao turista”. No documento de levantamento de 1969, encontrado por nós no ARCEN, já está implícita a intenção da remoção de edificações precárias. A planta indica os edifícios mais recentes e indica o grupo de habitações em frente a futura implantação do Hotel como “casebres de palha”. O turismo é uma grande aposta do governo, por isso também o cuidado com a imagem da praia, na imprensa os anúncios de atividades para o Hotel ainda em construção.



Figura 6: lotes ocupados entre 1960 e 1974, de acordo com levantamento do ARCEN/PMMP. Edição nossa em base cartográfica atual da PMJP.

A ocupação entre 1960 e 1974, foi principalmente de residências unifamiliares. Se concentrava nas proximidades das avenidas beira-mar e adjacências das vias axiais de acesso ao centro da cidade. Mesmo com todo o esforço dos empreendedores particulares, do poder público; a Orla continuou com a imagem de isolamento. Os vazios entre as quadras já demarcadas mas ainda sem calçamento, ou meio fio, o aspecto é de se estar vivendo em um meio rural. Mas não é privilégio da Orla, encontramos em notícias de jornais denúncias contra a invasão das residências por vacas, em outras localidades. A planta de regularização do estábulo do Sr. Milton Veloso Lopes, confirma o caráter ainda rural da Orla Marítima.

Então entre vacas e cajueiros, foi se formando um repertório de construções residenciais que nem sempre são modernas, em sua grande maioria são construções comuns. Sua identificação em base atual nos faz perceber quão poucas eram essas

casas, e como se distanciavam umas das outras, o que deixava no visitante a idéia de paraíso e ao morador a idéia de estar em outra cidade. Tanto pelo despovoamento como pelas casas modernas que começam a ser construídas, de forma ainda isolada.

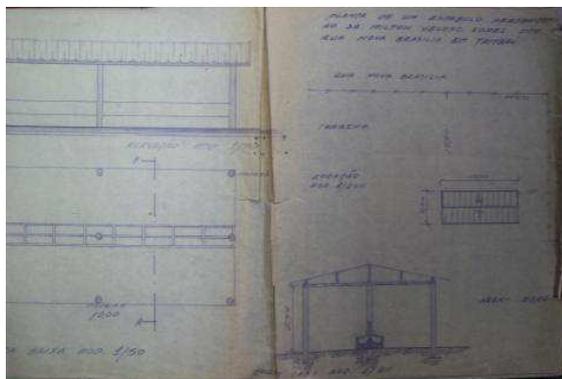


Figura 7 O caráter rural vinculado ao bairro pode ser visto na solicitação para regularização do estábulo do Sr. Milton veloso Lopes.

Tanto as reformas como as construções novas refletiam uma absorção e recepção da linguagem da arquitetura moderna que estava já bem difundida na cidade. Uma certa tendência a tradução popularizada de elementos da arquitetura moderna, corrente no período, pode ser observada nos revestimentos da fachadas: pedras naturais, tijolinhos e terraços em azulejos cerâmicos. Nas casas na orla marítima essa idéia de modernidade, mesmo que seja em apenas alguns elementos, vai ser resultado não de interpretações de agentes populares, mas indícios de uma outra ordem de aceitação dessa linguagem, através da visão de incorporadores particulares que buscam agregar valor de mercado ao imóvel com referência do que vamos chamar de “aparência de alguma modernidade”.

Referências Bibliográficas

ACAYABA, Marlene Milan. *Residências em São Paulo 1947-1975*. São Paulo: Projeto, 1986.

ARGAN, Giulio Carlo. *Arte moderna: do iluminismo aos movimentos contemporâneos*. São Paulo: Editora Companhia das Letras, 1992.

BENEVOLO, Leonardo. *História da arquitetura moderna*. São Paulo: Perspectiva, 2004.

BORDA, Luis Eduardo., Maria Beatriz. CAPPELLO, Luiz Carlos De. LAURENTIZ, Marília Maria B.T. VALE, e Flavia BALLERINI. “DOCUMENTAÇÃO DA ARQUITETURA MODERNA NO TRIÂNGULO MINEIRO E ALTO PARANAÍBA: HISTÓRIA E PRESERVAÇÃO .” *Anais do SLAAD*. Belo Horizonte: UFMG, 2008. Cd-room.

BRUAND, Yves. *Arquitetura contemporânea no Brasil*. São Paulo: Perspectiva, 2005.

GAMBARRA, Thaíse., e Nelci TINEM. “ HOTEL TAMBAÚ E A MODERNIDADE DA CAPITAL DA PARAÍBA. OS JORNAIS COMO INSTRUMENTO DE CONSTRUÇÃO DA HISTÓRIA DA ARQUITETURA.” *Anais do SEMINÁRIO LATINO AMERICANO DE ARQUITETURA E DOCUMENTAÇÃO*. Belo Horizonte: UFMG, 2008. CD-ROOM.

LARA, Fernando. *Popular Modernism: an analysis of the acceptance of modern architecture in 1950s Brazil*. Tese (Doutorado), Michigan, EUA: University of Michigan, 2001.

OLIVEIRA, José Luciano Agra de. *Uma Contribuição aos Estudos Sobre a Relação Transporte e Crescimento Urbano: O Caso de João Pessoa*. Dissertação (Mestrado em Engenharia Urbana) , João Pessoa: PPGEU/UFPB, 2006.

PEREIRA, Fúlvio Teixeira de Barros. *Difusão da Arquitetura Moderna na cidade de João Pessoa (1956-1974)*. Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo), São Carlos: EESC/USP, 2006.

TINEM, Nelci. *O alvo do olhar estrangeiro. Brasil na historiografia da arquitetura moderna*. João Pessoa: Editora Universitária, 2006.